

Dossiê: Política, Mídia e Religião – Apresentação



DOI – 10.5752/P.2175-5841.2020v18n56p442

Horizonte, v. 18, n. 56, maio/ago. 2020

Dossiê: Política, Mídia e Religião

Dossier: Politics, Media and Religion

Carlos Frederico Barboza de Souza*

Com grande satisfação, apresentamos mais um número da Horizonte – revista de estudos de teologia e ciências da religião. Lamentamos o atraso devido às dificuldades nestes tempos de pandemia, que ainda não nos permitiram retornar às publicações em dia, coisa que pretendemos recuperar o mais breve possível.

Este número da HORIZONTE é dedicado, em seu dossiê, à temática bem contemporânea da relação entre política, mídia e religião. Segundo Martin Buber, podemos desenvolver dois tipos de relações. Estas duas maneiras, chamadas de palavras-princípio, são EU-TU e EU-ISSO. O nome palavra-princípio é decorrente da compreensão da palavra como fundamento existencial do processo de apelo à existência e à realidade do ser humano. Estas duas palavras pronunciadas fundamentam, portanto, dois mundos: o mundo do ISSO e o mundo do TU. Assim, a filosofia buberiana apresenta, no dizer de Newton Aquiles von Zuben, uma “ontologia da relação” que “será fundamento para uma antropologia que se encaminha para uma ética do inter-humano”. (ZUBEN, 1979, p. XLIV). Neste sentido, podemos pensar em duas atitudes éticas fundamentais: uma instrumentalizadora, que torna os diversos outros “meios” e não fins; e outra mais relacional, que se coloca diante da face do outro, reconhece sua alteridade e com ela se dispõe a entrar em diálogo. É bem verdade que na prática, estas realidades não

* Doutor em Ciência da Religião pela UFJF. Professor do PPGCR PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: fred@pucminas.br

são tão separadas, aparecendo, muitas vezes, mescladas em cada um de nós e na própria sociedade. Mesmo porque, o mundo do ISSO também é importante em diversas situações. Entretanto, balizados por estas distinções, que possamos pensar a mídia, a política e a religião para além das instrumentalizações possíveis e mais como caminhos de encontro, de relação, que gerem humanização neste momento em que precisamos ser lembrados da importância do humano e da vida em todas as suas expressões presentes em nossa “Casa comum”.

Este número da HORIZONTE começa, em seu editorial, assinado por Karina Kosicki Bellotti (UFPR) a delinear e ampliar as possibilidades de reflexão e relação entre “mídia, política e religião”, indicando, inclusive, que a relação entre emissor e receptor precisa ser pensada de forma mais complexa, uma vez que há forte interação entre ambos, antes, durante e depois dos processos comunicacionais mais explícitos.

Em nosso dossiê, publicamos 6 artigos. O primeiro deles, assinado por Daniel Rocha (PUC Minas), aborda a temática do fundamentalismo. Com o título **Sob o estigma do fundamentalismo: algumas reflexões sobre um conceito controverso**, se propõe a “discutir o atual uso inflacionado do conceito de fundamentalismo (na mídia e na reflexão acadêmica) e apresentar algumas reflexões sobre os limites e polêmicas” acerca desta noção, sobretudo, a partir do viés da História dos Conceitos. Para isto, quer “reconstruir a história do conceito de fundamentalismo nos Estados Unidos” e seus usos no século XX, diferenciando “fundamentalismo histórico’ (protestante e norte-americano) e sua ampliação no sentido de um ‘fundamentalismo global’, perspectiva que ganhou força na academia a partir dos anos 1980”, considerada por muitos “mais um complicador do que uma ferramenta analítica relevante nos estudos sobre a religião na contemporaneidade”.

O segundo artigo, **O fundamentalismo como proselitismo de legitimação: o que há de comunicação na incomunicabilidade religiosa**, de Luiz Signates (UFG), quer discutir o fundamentalismo a partir da “perspectiva

da tensão entre comunicabilidade e incomunicabilidade”. Para isto, faz um “breve esboço histórico a respeito do tema” e aborda “o fundamentalismo no âmbito de sua contradição específica: a da incomunicabilidade do dogmatismo, radicado no literalismo, na incapacidade para o diálogo e nas ações políticas extremistas, até o terrorismo, em tensão permanente com a necessidade comunicacional de visibilidade e reconhecimento”.

Com **A revista Paz e Terra: um lugar da memória da comunicação religiosa, ecumênica e política no Brasil**, Magali do Nascimento Cunha (pesquisadora autônoma) quer “examinar a relevância de produções de contrainformação desenvolvidas durante a ditadura militar no Brasil por grupos religiosos” tendo como foco de pesquisa a “revista Paz e Terra, da Editora Civilização Brasileira nos anos 1960, como iniciativa ímpar no campo da comunicação religiosa, ecumênica e política”, baseada em estudos sobre “suportes da memória” e “lugares de memória”.

Por sua vez, Ana Rosa Cloquet da Silva (PUCCAMP), com seu **Imprensa católica e identidade ultramontana no Brasil do século XIX: uma análise a partir do jornal O Apóstolo**, “analisa a experiência brasileira da secularização, observando o modo como, nas páginas da imprensa católica publicada na segunda metade do século XIX, o religioso e o secular se articularam de diferentes maneiras e se modelaram reciprocamente”. Com este intuito, elege “o periódico O Apóstolo, semanário católico editado no Rio de Janeiro entre 1866 e 1891 e um dos principais porta-vozes dos ideais e projetos ultramontanos”.

Leandro de Paula Santos (UFBA), com **Um rio de opinião subterrâneo: Contrapúblicos terrivelmente evangélicos**, por sua vez, discutirá “certa representação do segmento evangélico verificável na produção de conglomerados de mídia do país na última década, que concorreu para a generalização de imaginários em torno desta identidade religiosa”, relacionando como este fenômeno suscitou “um discurso reativo de mídias noticiosas evangélicas a respeito da imprensa secular”. Assim, pautado “em ferramentas de Análise do Discurso, o

artigo investiga conteúdos publicados entre 2007 e 2019 pela revista *Época*, pelo jornal Folha de São Paulo, pela revista *Cristianismo Hoje* e pelo site *Gospel Prime*”.

Por fim, ainda no dossiê, Carlos Eduardo Souza Aguiar (FAPCOM), com **Ativismo digital evangélico e contra secularização na eleição de Jair Bolsonaro**, analisa como a “emergência das redes digitais consolida um novo tipo de ativismo religioso no contexto brasileiro que potencializa a chamada onda conservadora”, constituindo “novas dinâmicas que colaboram para a saturação da fronteira entre as esferas do religioso e da política”. Assim sendo, a partir de uma abordagem acerca do “papel do ativismo evangélico conservador digital na eleição presidencial de 2018”, Observou-se que o engajamento evangélico eleitoral nas redes é o resultado da consolidação de movimentos conservadores de contra secularização. Em um contexto de pluralismo, as redes digitais permitem, paradoxalmente, além de uma tomada de palavra e visibilidade de uma série de minorais com impacto direto na vitória de Jair Bolsonaro”.

A nossa seção de Temática livre é contemplada com 7 artigos, sendo o primeiro deles de Zuleica Aparecida Silvano (FAJE): **Is 59,15b-21: a vinda de um redentor**. Nele, a autora quer “analisar exegeticamente Is 59,15b-21, por meio do Método Histórico-Crítico-Literário”, uma vez que apresenta Deus como “resgatador do sangue do seu povo”, “ guerreiro”, além de manifestar a promessa de um redentor que estabelecerá uma nova Aliança, prevendo “destruição e calamidade” e demandando “uma mediação que possa exercer o direito e a justiça”.

Com **Transversalidades entre conservadorismo e progressismo católicos: Geraldo de Proença Sigaud, Helder Pessoa Camara e o Concílio Vaticano II**, Newton Darwin de Andrade Cabral (UNICAP) e Rodrigo Coppe Caldeira (PUC Minas) se propõem a “identificar transversalidades nas formas de pensar e agir de Proença Sigaud e Helder Camara”, além de “analisar afinidades/convergências e oposições/divergências existentes entre as suas posições, respectivamente conservadoras e progressistas”. Para isto, pautados em “pesquisas bibliográfica e documental” chegou-se ao “entendimento de que a

diversidade de perspectivas doutrinárias e pastorais é fato incontestável”, assim como “a existência de preocupações semelhantes que implicavam, nas posições majoritariamente antagônicas dos dois, igual empenho pela adoção de medidas, ainda que habitualmente díspares, no tocante à forma de analisá-los e enfrentá-los”.

Anor Esganzerla (PUC PR), Diogo Carlos Zanela (Univ. Franciscana de Santa Maria) e Leocir Pessini (Religioso Camiliano – *in memoriam*), em **A bioética de Francisco: elementos para a construção de uma bioética global cristã**, procuram “investigar o pensamento bioético defendido pelo Papa Francisco a partir de documentos, encíclicas, homílias e cartas por ele escritas” uma vez que “a partir de 2018, Francisco assumiu uma posição bem definida em relação à bioética, afirmando que os nossos tempos precisam ampliar a visão tradicional da bioética para uma visão de bioética global, pois não é mais possível pensar a saúde, o bem-estar e a realização humanas de forma independente da saúde da totalidade da vida da biosfera”.

Com o título **O poder tecnológico no mundo atual: implicações e desafios socioambientais**, Francisco de Aquino Júnior (FCF e UNICAP) “faz uma reflexão filosófico-teológica do poder tecnológico no mundo atual a partir de suas implicações e de seus desafios socioambientais”. A partir de uma abordagem antropológica, de uma discussão da relação técnica-ciência-poder e de uma abordagem ética, conclui “com algumas considerações de ordem teológico-pastorais, também a partir de suas implicações e de seus desafios socioambientais (abordagem teológica)”.

Com **Um novo critério de discernimento**, Fabrício Veliq Barbosa (FAJE) se propõe a discutir o diálogo inter-religioso a partir de um viés pneumatológico, propugnando um “um novo critério de discernimento”, denominado por ele de critério da “vida em sua integralidade”. Chega a esta formulação a partir da discussão dos “critérios de discernimentos propostos por Jacques Dupuis, Stanley Samartha, Amos Yong e Jürgen Moltmann em suas

tentativas de diálogo inter-religioso”. Baseado na pneumatologia moltmanniana, afirma que quando se pode dizer “que a vida humana, animal e da natureza é afirmada em sua integralidade, ali se faz presente o Espírito de Deus”.

Cláudia Maria Rocha de Oliveira (FAJE), com ***Homo Patiens: implicações filosófico-teológicas da experiência do sofrimento***, busca apresentar “a partir de uma leitura de Paul Ricoeur, a experiência do sofrimento como enigma para a razão e desafio para a fé”. Discute a partir dos males éticos, que são resultado do agir humano, e do sofrimento inocente. Este, “ao contrário, deve ser pensado a partir da perspectiva da vítima. Como justificar a dor de inocentes vítimas de catástrofes, de doenças incuráveis, de violência? É possível, por exemplo, conferir sentido à experiência do sofrimento de famílias que perdem a luta contra o COVID-19?” Assim, procura compreender “o problema do mal” a partir de Paul Ricoeur e sua concepção do “sofrimento como desafio”, que “exige a convergência entre pensamento e ação e a transformação espiritual dos sentimentos. Esta transformação deve conduzir a amar a Deus de modo desinteressado”.

Por fim, nosso último artigo da seção de Temática livre, **Minorias religiosas em Portugal: uma revisão bibliográfica**, de José Pereira Coutinho (Universidade Católica de Portugal), apresenta “uma revisão bibliográfica dos estudos qualitativos de cariz sociológico e/ou antropológico” sobre as minorias religiosas em Portugal. E expõe que “há minorias religiosas relativamente bem analisadas”, enquanto que há outras que carecem de estudos.

Já a seção de Temática livre – tradução possui dois artigos. O primeiro, de Yves Congar, publicado originalmente na revista *La vie intellectuelle*, retoma uma discussão do início do século XX, pertinente ainda hoje: **Deus é de direita?** Nela, o autor procura discutir a relação da Igreja Católica com partidos políticos, sobretudo, de direita, defendendo a importância de não identificá-la com o catolicismo.

Por sua vez, Marilu Márcia Campelo (UFPA), com seu **Àdanidá: homem, ambiente e orixá**, publicado originalmente como um capítulo do livro *Wir sind nur Gast auf Erden*, traz as vozes de Salta, na Argentina, de um evento intitulado *Sólo somos huéspedes en la tierra. En memoria de Berta Cáceres (1971–2016)*, ocorrido em janeiro de 2017. Ela nos apresenta, sobretudo, as reflexões do candomblé Keto sobre a relação dos seres humanos, com o mundo sobrenatural e com a natureza.

Este número de Horizonte também conta com uma comunicação, de Ceci Maria Costa Baptista Mariani (PUCCAMP), cujo título é o seguinte: **Viver a esperança: uma reflexão sobre espiritualidade e mística em vista da manutenção da esperança a partir da *Fratelli tutti***. Sobre esta seção, gostaríamos de informar aos nossos leitores que deixará de ser publicada em breve.

Além disso, há uma seção com resenhas e outra com resumos de teses e dissertações.

Desejando uma boa e enriquecedora leitura, almejamos que nossa revista possa cumprir sua missão de propiciar a divulgação de conhecimento de qualidade e favorecer à sociedade que este conhecimento seja apreendido, propicie olhares críticos e seja transformado em práticas que gerem melhores condições de vida e sabedoria cotidiana.

Referências

ZUBEN, Newton Aquiles von. Introdução. In: BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.